

O futuro da História e de sua leitura.

Ricardo Medeiros Pimenta¹

DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Trad.: Daniel Pellizzari. São Paulo: Cia. das Letras, 2010

Aos novos historiadores, e creio que possa igualmente me inserir nesse grupo, como escreveremos história daqui a quinze ou vinte anos? Ou melhor, como leremos história? Como iremos nos reportar à historiografia, que em escala geométrica vem estendendo-se de maneira jamais vista?

Estas perguntas não são apenas minhas, mas parecem ser de muitos historiadores e estudantes intrigados com os novos rumos da nossa sociedade no tocante às suas tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Estas perguntas também se fazem de alguma forma presentes ao passo que lemos “A questão do livros: passado, presente e futuro” de Robert Darnton. Na Era Google, o acesso à informação deixou de ser apenas um direito ou um mérito a se alcançar para tornar-se um mercado muito rentável por sinal. E para Darnton, o futuro do livro e das bibliotecas depende de um debate profundo sobre este mesmo cenário.

Mas como isso afeta a nós historiadores, e como tais avanços tecnológicos podem influenciar tão profundamente o que se escreverá sobre o passado? Estaríamos fadados a uma espécie de subordinação à seleção do que é “interessante”, “curioso” ou mais “rentável”, através dos mecanismos de busca de *sites* como Google, Yahoo ou Bing? E o que não está lá? Como acessamos? Devemos acessar? Quem decide por nós?

¹ Doutor em Memória Social UNIRIO; Professor do Programa de Mestrado em História Social da Universidade Severino Sombra / RJ e Professor do Departamento de História do IUPERJ.

Que, já há algum tempo, poucos decidem pela informação que será veiculada a muitos não é novidade. Na obra, ao se lembrar da época de estagiário em um jornal, Darnton aponta para o fato de que toda notícia é um artefato. Toda informação é construída com objetivos claros e públicos definidos. E esta afirmação também se aplica a nossa Era Google.

Muitas perguntas para respostas que a cada dia se reformulam, ao passo que a rede e seus usuários também nos apresentam novidades. Muitas opções de busca, de fato. Opções que parecem promover um acesso à informação sem igual. Mas, o que encontramos será a melhor opção? E uma vez encontrada a informação, como ela é usada pelos navegadores? Mais perguntas que, ao contrário *grasso modo* do que representa uma interrogação, parecem já nos levar a algumas conclusões.

Quando buscamos artigos acadêmicos, livros e outros materiais, nem sempre os encontraremos em seu conteúdo integral. Segundo Darnton, muitas editoras responsáveis pelos famosos *papers* cobram valores consideráveis para franquear o acesso aos conteúdos de suas edições e dossiês. Tais valores, são pagos pelas universidades e suas bibliotecas pois não há ainda alternativas legais. Em paralelo, não é de se espantar que a “pirataria” tenha crescido tanto em escala mundial, quando nos reportamos aos *softwares*, livros e revistas eletrônicas. Ainda assim, às instituições universitárias não resta opção. É necessário pagar bem.

Darnton aponta para o fato de que dever-se-á refletir sobre o “bem público” que as bibliotecas promovem. E apesar da revolução tecnológica em que vivemos, elas não desaparecerão. Contudo, é necessário pensarmos seus papéis e suas possibilidades de mudança. Bibliotecas públicas e privadas, estas últimas são em grande parte as universitárias norte-americanas que, diferentemente daquelas europeias, precisarão conceber novas estratégias para possibilitar o acesso às suas obras. Enquanto isso, em paralelo a tais debates, assistimos à edificação da Era Google.

Não obstante, diferentemente de uma concepção “iluminista” na melhor forma “República das Letras”, exemplos como o *Google Books Search* continuam a permitir acesso e circulação a uma gama de informações somente àqueles que detêm alguns privilégios.

A cultura letrada, privilégio dos ricos e bem-nascidos”, nas palavras de Darnton, tornou-se algo ordinário em diferentes classes sociais. É certo que ainda não é partilhada por todos, em unanimidade global, mas já se estendeu por uma grande parte da população mundial apesar das diferenças e segregações que ainda nos assolam. Entretanto, o que nos permite usar as ferramentas características das novas TICs não se restringe apenas à cultura letrada. É mais que isso.

Obter acesso ao espaço *web*, às suas múltiplas funções e possibilidades, requer outros elementos que se tornaram os novos privilégios de uma sociedade que mantém, infelizmente, suas formas de segregação e formas de poder. O acesso à tecnologia, produto do sistema capitalista e objeto de consumo, não é igualitário; assim como também não o são os fundamentos e saberes necessários para se utilizar uma ferramenta tão complexa como o computador ligado à rede. Conhecimentos de línguas, noções de informática básica, arcabouço cultural amplo cujas buscas a serem realizadas possam se dar de maneira mais assertiva a partir deste. Todas estas “ferramentas” compõem o que podemos chamar de “competências informacionais”.

Parece mais óbvio que, então, o historiador do futuro não poderá apenas dominar as técnicas de fichamento nas quais muitos dos nossos estudos foram balizados. Será necessário saber conviver e utilizar as novas tecnologias e, sobretudo, se colocar criticamente sobre como elas influenciam a escrita da história. Se o livro vai acabar? É notório que não. Pois a digitalização, enquanto meio para evitar a destruição completa dos mesmos, nem sempre assegura por completo tal perenidade.

A questão do *copyright* é uma das reflexões da obra que contribuem para esse novo cenário de problemas a conhecer e explorar. Afinal, enquanto o Google parece estar disponibilizando “democraticamente” páginas e páginas de livros na *internet*, podemos estar desatentos para o fato de que ele está se tornando detentor desse colossal banco de dados cujo acesso futuramente poderá se tornar caro. Darnton aponta, em tal exemplo, para a construção de um monopólio da informação. O Google é uma empresa privada e, portanto, diferentemente das diversas iniciativas como o *Internet Archive* ou o *Open Knowledge Commons*, estamos testemunhando a criação

desse monopólio enquanto nos maravilhamos com as retóricas de “acesso à informação” sem percebermos que elas são na verdade propagandas.

Informação é um mercado. A *internet*, uma passagem. Nem sempre sabemos o que encontraremos, mas tudo nos surpreende como se fôssemos um tipo distinto de *flanêurs* que habitam esse novo espaço eletrônico. O que encontraremos por estes caminhos é incerto. Mas tudo o que pensamos poder fazer com ela, a *internet*, parece ser possível.

Poder conjugar todas estas variáveis aqui descritas de forma breve é um grande desafio. As relações entre autor e editor; leitores/consumidores e instituições; bibliotecas, universidades e mercado; sociedade civil, comunidade acadêmica, universo legal e cenário socioeconômico; acesso e controle à informação deverão continuar a ser discutidas amplamente nos próximos anos.

De Gutenberg a Gutenberg-e, Darnton aponta as possibilidades e desafios vividos e ainda por vir. O acesso à informação em tempo e espaço relativos poderá ser uma saída para a circulação de monografias eletrônicas em uma grande rede. Os periódicos, nesse sentido, e suas editoras que movimentam um mercado de milhões, não seriam a única fonte de acesso às pesquisas e seus resultados mais recentes.

O futuro do livro? Não me parece de todo ameaçado. Entretanto serão as políticas de direitos autorais e de acesso à informação que influenciarão diretamente este muito próximo futuro. O que precisamos compreender melhor é o nosso papel enquanto historiadores, pesquisadores e professores neste extenso campo em constante movimento.